

O processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos falantes de português europeu*

Ana Castro

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa
Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal

1. Introdução

Este artigo apresenta resultados de um estudo que teve como objectivo avaliar o processamento da concordância de número interna ao DP por crianças de 2 anos a adquirir Português Europeu (PE).

O estudo conduzido com crianças portuguesas é uma réplica do estudo experimental de Corrêa *et al.* (2005) conduzido com crianças a adquirir Português Brasileiro (PB). No estudo original – uma tarefa de identificação de imagens realizada com crianças com idade média de 25 meses – verificou-se que as crianças brasileiras nessa faixa etária reconhecem já a informação morfofonológica relativa a número e são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua, pois atribuem referência plural a um DP marcado como plural na sua língua. Tendo em consideração que, em PB, a informação relativa ao número do DP pode estar no determinante e no nome (na variante padrão) ou só no determinante (em variantes não padrão), observou-se no referido estudo que as crianças brasileiras, expostas a ambas as variantes, se baseiam indiferenciadamente no determinante na identificação do referente de um DP. Para além disso, distinguem as possibilidades não gramaticais na língua (como a flexão de número apenas no nome). Estes resultados sugerem que as crianças a adquirir PB extraem informação morfofonológica relativa a número do determinante, e consequentemente processam a concordância de número entre os elementos do DP.

A réplica deste estudo experimental com crianças da mesma faixa etária a adquirir PE permite não só observar se as crianças portuguesas são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua, numa idade em que a produção de morfologia de

* Esta investigação foi financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Portugal) através de uma Bolsa de Pós-doutoramento (SFRH/BPD/20364/2004) e do Projecto "Técnicas Experimentais na Compreensão da Aquisição do Português Europeu" (POC/LIN/57377/2004) – <http://www.fcsh.unl.pt/chunl/pt/tecex.asp>.
Agradece-se ao LAPAL (PUC-Rio) por ter cedido os materiais e o protocolo do estudo experimental; às crianças, pais e educadores das creches e jardins de infância Girassolinho, Bem-me-quer e Fundação D. Pedro IV – Campo Santana, onde os estudos foram conduzidos; à Vanessa Trindade e à Margarida Teixeira por terem feito de Dédé; à Rute Vieira pela ajuda na análise estatística, bem como aos dois revisores anónimos que fizeram comentários a uma versão anterior deste texto.

número pode não estar ainda estável¹, mas também testar hipóteses explicativas relativamente à diferença patente nos sistemas morfológicos de número do PE e do PB. Segundo Costa e Figueiredo Silva (2006) e Castro (2006), apesar de o PE apresentar apenas a variante padrão (com a marca flexional de número em D e N), a informação relevante para a interpretação da referência plural parece ser extraída de D. Assim, testar o comportamento das crianças relativamente a um DP em que a marca flexional de plural aparece só em D é interessante para validar ou infirmar esta hipótese.

O objectivo do presente estudo é, pois, verificar se as crianças na mesma idade (2 anos) a adquirir PE identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade, o que pode indicar que processam concordância de número no âmbito do DP².

Este artigo divide-se em três partes. Na secção 2, apresentam-se os pressupostos do estudo experimental, em particular sobre o sistema de número do PE e do PB, enfatizando-se as diferenças entre eles, e sobre o processamento da informação morfofonológica de número interna ao DP e dados sobre a aquisição de número em PE e PB. Na secção 3, descreve-se o *rationale* do estudo experimental e a forma como ele foi conduzido e aplicado em PE, seguindo de perto os procedimentos para o PB; e apresentam-se e discutem-se os resultados obtidos para as crianças portuguesas. No final, algumas conclusões são apresentadas.

2. Alguns pressupostos

Nesta secção apresentam-se sumariamente os pressupostos teóricos assim como os dados empíricos que estão na base do estudo conduzido com as crianças brasileiras e as crianças portuguesas relativamente ao processamento da informação morfofonológica de número interna ao DP.

2.1. Os sistemas de número em PE e PB

Em PE e na variedade padrão do PB, a marca de plural *-s* está presente no determinante, no nome e em todos os modificadores – possessivos, quantificadores, adjectivos – que com ele concordam.

- (1) os meus alunos
- (2) os outros três carros azuis

Na variedade não padrão do PB, a marca de plural *-s* só está presente no artigo (3 e 5) ou no possessivo (4).

¹ Para o PB existem dados da produção que mostram que a morfologia nominal de plural ainda não está completamente dominada (Simões, 2004 e Ferrari-Neto, 2003). Para o PE, não são conhecidos dados que o permitam afirmar.

² A diferença entre as crianças portuguesas e brasileiras relativamente à percepção da expressão de número no DP, nomeadamente no que concerne à flexão de número apenas expressa no determinante (gramatical numa das variedades de PB e não gramatical em PE), é explorada com mais detalhe num outro trabalho (Castro e Ferrari-Neto, no prelo).

- (3) os meu aluno
- (4) (o) meus aluno
- (5) os outro três carro azul

Em consequência destas diferenças, as crianças brasileiras são expostas a (pelo menos) duas variedades, enquanto que as portuguesas apenas a uma.

Relativamente à expressão morfofonológica de número no DP, várias propostas apontam para que a informação relevante de número é codificada numa única posição (Enç, 1991; Longobardi, 1994; Bouchard, 2002), sendo essa posição N ou D. Em português, a expressão morfológica de número estaria associada à categoria D, uma vez que é expressa obrigatoriamente nos elementos que ocorrem como determinantes, ao contrário de línguas como o inglês.

A análise da estrutura destas construções em português tem variado, no entanto, e há pelo menos três perspectivas com assumpções diferentes: em termos minimalistas, número interpretável em D e não-interpretável em N (Magalhães, 2004); uma categoria funcional NumP e operação de *Agree* (Brito, 1996; Augusto *et al.*, 2005); assumindo a Morfologia Distribuída, o morfema de plural *-s* sendo *singleton* em PB e *dissociated* em PE (Costa e Figueiredo Silva, 2006).

Esta última proposta acentua o carácter de micro-variação paramétrica relativamente à expressão morfológica de número nas duas variedades, assumindo que é D a posição relevante para a interpretação semântica (em que se inclui a referência de pluralidade) de um DP. Assim sendo, espera-se que se consiga recuperar a referência plural a partir de uma marca morfofonológica apenas em D, como é o caso da variedade não padrão do PB.

2.2. O processamento e a aquisição da informação morfofonológica de número

De acordo com Corrêa (2001, 2006), o processamento da concordância é instrumental para a identificação dos elementos funcionais e lexicais da língua em aquisição bem como das propriedades específicas dos traços formais e operações de *Agree* envolvidas. Assim, o sistema computacional de uma língua opera como um mecanismo de aquisição da linguagem, mal o seu funcionamento seja *bootstrapped* pela identificação de padrões distribucionais morfofonológicos e a segmentação de um DP faz-se pela identificação, no *continuum* da fala, de um elemento funcional pertencente à categoria D e de um elemento lexical pertencente à categoria N, com base em regularidades fonéticas, morfofonológicas e distribucionais.

Para o PB, o estudo de Corrêa *et al.* (2005) verificou que as crianças de dois anos percebem informação morfofonológica relativa a número a partir do determinante e processam concordância de número no âmbito do DP, numa fase em que a morfologia de número ainda não se encontra estabelecida na produção (Simões, 2004; Ferrari-Neto, 2003). Destes resultados se pode inferir que a posição estrutural D está já activa nesta fase inicial do processo de aquisição da linguagem em PB e desempenha um papel

crucial na identificação de elementos de uma classe aberta e consequentemente na aquisição de novos nomes (Höhle *et al.*, 2002; Corrêa, 2001, 2006).

Relativamente ao PE, alguns estudos, somente baseados em dados de produção, apontam também a hipótese de que as crianças são sensíveis tanto à posição estrutural sintáctica D como à presença de marcas morfofonológicas de número, uma vez que produzem um proto-determinante em estádios precoces do processo de aquisição da língua (Matos *et al.*, 1997; Freitas e Miguel, 1998; Soares, 1998). No entanto, argumenta-se em Costa & Freitas (2001) e Santos (2004) que os dados disponíveis não fornecem argumentos convincentes para que esse proto-determinante não seja um filler prosódico e assim o seu estatuto de categoria morfosintáctica activa estaria comprometido.

Uma vez que estes estudos só fornecem dados de produção e não avaliam a percepção, a réplica do estudo experimental de Corrêa *et al.* (2005) aqui conduzida pode mostrar de forma mais clara se as crianças são de facto sensíveis a informação morfofonológica relativa a número e se processam concordância de número no âmbito do DP, o que lhes permitirá identificar a referência plural e contribuir para a aquisição de novos nomes.

Para além disso, este estudo propõe-se testar também qual a posição relevante do morfema para a interpretação da pluralidade por uma criança em processo de aquisição do português, confrontando as duas variedades, PB e PE: nas duas posições (D e N) ou só em uma (D ou N).

3. O estudo experimental

Nesta secção apresenta-se primeiramente uma descrição do estudo original de Corrêa *et al.* (2005), o seu *rationale* e o *design* experimental; em seguida descreve-se como o estudo foi conduzido para o PE e apresentam-se os resultados e a sua discussão.

3.1. *Rationale*

O estudo experimental de Corrêa *et al.* (2005) assume, como já referido, a hipótese de que o processamento da concordância é usado como instrumento para identificação dos elementos funcionais e lexicais da língua em questão e das propriedades dos traços formais e operações de *Agree* envolvidas (Corrêa, 2001, 2006). Assim, a interpretação semântica do morfema de número presente no DP poderia, em princípio, ser feita exclusivamente com base no reconhecimento do afixo flexional do nome ou com base no processamento da concordância. Considerando-se que a criança utiliza o processamento da concordância como meio de aquisição do que há de específico na gramática da língua em questão, não haveria necessidade de postular uma estratégia de base lexical para a identificação da informação concernente a número numa língua como o PB, em que esta informação está necessariamente presente no Determinante, mas não no Nome. Além do mais, tal estratégia não se revelaria produtiva uma vez que não contemplaria a variante não padrão do PB. Daí o estudo experimental original de Corrêa *et al.* (2005) lidar com duas variantes do PB como realizações gramaticais: ^a

padrão, em que D e N são flexionados em número, e a não padrão, em que apenas D apresenta essa flexão.

Visto que a expressão morfológica de número nas línguas do mundo contempla marcação exclusiva no Nome, como no caso do inglês³, e a marcação de número pode variar quanto à realização morfofonológica, havendo a possibilidade de morfemas presos – sufixos (como em inglês), prefixos (como em suáili, língua bantu) e mesmo infixos (como em sudanês) – ou morfemas livres (como em Tagalog) (Robins, 1970; Corbett, 2000), neste estudo foram exploradas estas possibilidades. Assim, incluíram-se nas condições experimentais dois tipos de expressão morfológica de número possíveis nas línguas humanas embora não gramaticais no PB, acrescentando-se as condições não gramaticais Infixo (N apresentando um infixo de número) e sufixo em N (D no singular e N flexionado em número). A escolha destas duas possibilidades (e não das outras) justifica-se por poderem dar origem a palavras possíveis em Português, mas singulares, como *lápis* e *mosca*⁴.

A hipótese subjacente a este estudo é a seguinte: se a criança consegue identificar uma figura contendo múltiplos objectos de um tipo desconhecido para ela com base no DP plural, então:

- (i) a informação relativa a número é identificada entre os elementos do DP e número é reconhecido como um traço formal;
- (ii) a criança é capaz de atribuir um valor semântico ao morfema de número identificado com base no referente do DP;
- (iii) a criança processa concordância no DP, com o acordo de número desempenhando um papel fundamental na aquisição do sistema de número na língua em causa.

3.2. O design experimental

Com o objectivo de avaliar em que medida a criança é capaz de interpretar semanticamente informação relativa a número no DP fornecida apenas pela informação morfofonológica, o estudo experimental faz uso de figuras que representam objectos e seres inventados, designados igualmente por nomes inventados (*dabos* e *mabas*), o que minimiza a influência semântica no desempenho da criança na tarefa de identificação de imagens.

Uma variável independente é inicialmente considerada: *expressão morfológica do número*, com dois níveis – gramatical (forma padrão e não padrão do DP plural em PB) e não gramatical (número como sufixo e como infixos em N). Em seguida, a variável *tipo de DP* é considerada como variável independente, contrastando cada uma das formas acima identificadas. A forma gramatical do singular no português foi usada como controlo.

No Quadro 1, apresenta-se um exemplo para cada condição testada e para a condição controle, com um dos pseudo-nomes utilizados.

³ Em inglês, número é geralmente marcado no nome e apenas alguns membros da categoria D apresentam a distinção de número, como *this/these, that/those*.

⁴ A forma plural *qualquer* em português pode ser considerada como contendo um infixos, mas não é produtiva, tanto que dá azo a formas criadas por sobregeneralização, como *qualqueres* ou *quaisqueres*, proferidas por falantes crianças e adultos.

condição	(a)gramaticalidade em PB e PE	exemplo
CT1	gramatical em PB e PE	os dabos
CT2	gramatical não standard em PB não gramatical em PE sufixo no determinante	os dabos
CT3	não gramatical em PB e PE sufixo no nome	o dabos
CT4	não gramatical em PB e PE infixo no nome	o dasbo
CONT	Singular em PB e PE	o dabos

Quadro 1: Condições testadas e condição controle com exemplos

A variável dependente foi o número de respostas correspondentes à figura plural.

Foram criados 12 estímulos-teste com pseudo-nomes, 3 por condição, definida em função dos 4 tipos de expressão morfofonológica de número; 6 estímulos controle, com pseudo-nomes no singular; e 6 estímulos distractores, com nomes do vocabulário da criança, no singular. Esses estímulos integraram diferentes listas experimentais, na qual a ordem de apresentação foi aleatorizada, evitando-se, contudo, a apresentação consecutiva de estímulos da mesma condição. Dois estímulos adicionais, com nomes conhecidos foram utilizados num pré-teste. Os estímulos foram previamente gravados na forma de um pedido, por parte de um fantoche chamado Dedé, para que a criança lhe mostre uma figura correspondente ao que lhe é solicitado: por exemplo, *mostra os dabos ao Dedé*.

Para cada estímulo foi criada uma prancha com 4 figuras: 1 figura-alvo e 3 figuras distractoras. Nas pranchas-teste, as figuras-alvo eram sempre desenhos que representavam objectos e seres inventados em número maior do que um. As figuras distractoras correspondiam a um desenho não inventado singular e a dois desenhos inventados (em número singular) diferentes do alvo, como se vê na Figura 1⁵.

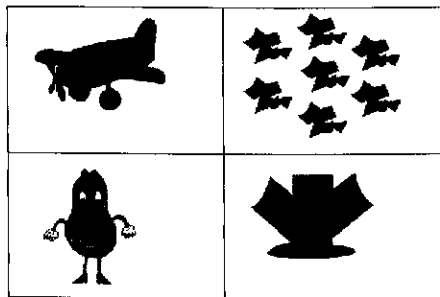


Figura 1: Exemplo de prancha de figuras

⁵ As figuras originais são coloridas e não cinzentas como aqui são reproduzidas.

A posição da figura-alvo foi variada. Nas pranchas controle, a figura-alvo correspondia a uma das figuras inventadas (em número singular); nas distractoras, a um desenho de um objecto ou de um ser conhecido em número singular. O conjunto de pranchas constituiu um álbum.

O procedimento envolve uma fase de familiarização, uma fase de pré-teste e uma fase de teste.

Na familiarização, o experimentador interage com a criança e apresenta-lhe um fantoche – o Dedé – caracterizado como um boneco falante, mas que na realidade apenas gesticula durante a activação dos estímulos gravados. Esta etapa tem como objectivo habituar a criança à voz do boneco, bem como criar uma atmosfera lúdica para a execução do teste. Segue-se o pré-teste, em que o experimentador mostra à criança o álbum com as pranchas. É proposta então a “brincadeira” ou o “jogo”: o boneco pede e a criança aponta para uma determinada imagem. As duas primeiras pranchas constituem o pré-teste e somente as crianças que superam essa etapa passam ao teste propriamente dito. Depois, o jogo do Dedé prossegue, sempre com a solicitação por parte do fantoche para que a criança lhe mostre o que este requer. A resposta da criança é acolhida com um comentário de incentivo à sua participação, independentemente de esta corresponder à figura-alvo. Todo o procedimento leva cerca de 10 minutos e as respostas são registadas na hora.

As crianças foram testadas em ambiente de creche ou familiar, sempre numa sala isolada.

3.3.O estudo com crianças portuguesas

3.3.1. Participantes

Foram consideradas no estudo 15 crianças (8 meninos e 7 meninas) entre os 22 e os 30 meses (média de idades 26 meses), de classe média residindo na Grande Lisboa. Todas as crianças são falantes monolíngues de PE (sem contacto regular com outra língua) e nenhuma tem perturbações ou distúrbios cognitivos ou de linguagem diagnosticados (ou suspeita dos mesmos) bem como história familiar de défices de linguagem. Os testes foram feitos nas creches que frequentam ou em sua casa.

3.3.2. Procedimento

Na reprodução do estudo em PE, foi seguida de perto a metodologia do estudo original. Os materiais usados foram os mesmos (as pranchas de desenhos) e o *design* experimental manteve-se. Usou-se também um fantoche chamado Dedé (embora não um boneco igual ao do estudo original) que falava por meio dos estímulos previamente gravados com uma voz feminina⁶. As mesmas condições experimentais foram testadas e

⁶ As frases foram gravadas por uma voz feminina diferente da dos dois experimentadores que desenvolveram o estudo com as crianças. O software de gravação usado foi o Wavesurfer 1.8.5 e os estímulos foram reproduzidos pelo software iTunes instalado num computador portátil Sony Vaio (VGN S5HP) por meio de uma coluna ocultada na roupa do Dedé.

manteve-se a apresentação aleatória dos estímulos. Os testes foram conduzidos por dois experimentadores: um apresentava o álbum e fazia o registo das respostas; o outro manipulava os movimentos e activava a “voz” do Dedé.

Na condução do teste, contudo, nem sempre foi possível apresentar somente os estímulos gravados e emitidos como se o Dedé falasse, pois observou-se uma estranheza das crianças relativamente ao fantoche emitir uma voz previamente gravada, o que também limitou bastante a espontaneidade da interacção. Assim, nalguns casos, um experimentador repetiu os estímulos exactamente como o Dedé os disse. Noutros, em que as crianças se assustaram com o fantoche, a interacção foi feita exclusivamente com os experimentadores e um deles apresentou os estímulos exactamente como o Dedé os diria. Há que ressaltar, no entanto, que a diferença no modo de apresentação dos estímulos não pareceu afectar os resultados.

3.3.3. Objectivos e hipótese

Relembra-se que a condição teste em que a marca de plural está presente só no determinante (CT2) é uma condição crítica neste estudo. Assim, apesar de ser agramatical para a expressão de um DP com referência plural em PE, espera-se que, de acordo com a proposta de Costa e Figueiredo Silva (2006), se consiga recuperar a referência plural a partir de uma marca morfofonológica apenas em D. É isso que mostram os resultados deste mesmo teste conduzido com um grupo de controlo de adultos⁷. Assim, o que se pretendeu avaliar foi se as crianças portuguesas:

(i) identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade (CT1 – *os dabos*);

(ii) identificam a posição D como a posição do morfema de plural relevante para a interpretação da pluralidade (CT2 – *os dabo*);

(iii) revelam diferenças relativamente às crianças brasileiras na percepção da expressão de número no DP, nomeadamente no que concerne a flexão de número apenas expressa no determinante (CT2 – gramatical numa das variedades de PB e não gramatical em PE).

⁷ O grupo de controlo, constituído por 12 estudantes do Ensino Superior do sexo feminino, apresenta as seguintes percentagens de respostas plurais: CT1 (*os dabos*) – 100%; CT2 (*os dabo*) 80,56%; CT3 (*o dabos*) – 0%; CT4 (*o dasbo*) – 0%; CONT (*o dabo*) – 0%. É de salientar um valor abaixo dos 100% para a condição não gramatical com marca de plural no determinante. Este valor deve-se a algumas respostas singulares unicamente no primeiro dos três itens apresentados desta condição por cada um dos sujeitos testados. Esta condição suscitou sempre alguma hesitação – facto compreensível, uma vez que não corresponde a uma possibilidade produtiva e efectiva do PE, tendo em consideração que DPs como *os corpora* ou *os media* são raros.

3.3.4. Resultados e discussão

Os resultados totais das crianças portuguesas são apresentados na Tabela 2.

condição	respostas plurais/estímulos	% respostas plurais	resposta esperada
CT1 – os dabos	34/42	76,67%	plural
CT2 – os dabo	19/41	46,67%	plural
CT3 – o dabos	11/42	24,44%	singular
CT4 – o dasbo	3/45	6,67%	singular
CONT – o dabo	4/82	4,44%	singular

Tabela 2: Número total de respostas plurais para cada condição e respectivas percentagens das crianças falantes de PE

Os resultados foram analisados⁸ primeiramente em função da variável *expressão morfológica do número* e sua relação com a resposta esperada – múltiplos objectos (=plural) ou um só objecto (=singular). Em seguida, foram avaliados em função de *tipo de DP*: gramatical padrão em PE e PB (*os dabos*), gramatical não padrão em PB (*os dabo*), não gramatical sufixo (*o dabos*) e não gramatical infixo (*o dasbo*).

Os resultados apresentam um efeito significativo de *expressão morfológica do número*, com um número maior de respostas plural para as condições elicitadoras de resposta plural ($t(14)=10,41$ $p=.000$). A diferença entre as condições sufixo e infixo ($t(14)=2,43$ $p=.029$) não é (muito) significativa, o que sugere que as crianças tratam as duas condições do conjunto de estímulos elicitadores de singular de forma indiferenciada. Ainda assim, o número de respostas plural para a condição *o dabos* foi mais elevado do que o número de respostas plural para a condição *o dasbo*. Esta diferença, semelhante ao que acontece em PB⁹, ainda que não significativa, sugere uma interferência da marca *-s* no nome para a marcação da pluralidade. Não obstante, nenhuma destas condições mostra diferenças significativas relativamente à condição controle de singular ($t(14)=.44$ $p=.670$ para *o dasbo* e $t(14)=1,70$ $p=.111$ para *o dabos*).

Por outro lado, e embora ambas sejam percebidas como plural, observa-se uma diferença significativa entre as condições *os dabos* e *os dabo* ($t(14)=3,17$ $p=.007$). Tal deve-se, provavelmente, ao facto de *os dabo* não ser gramatical em PE. Ainda assim, e uma vez que, por um lado, a diferença entre esta condição e a condição controle *o dabo* é bastante mais significativa ($t(14)=4,14$ $p=.001$), e, por outro, *os dabo* e *o dabos* (marca morfológica de plural só no Determinante ou só no Nome) são

⁸ Os dados foram tratados com o software SPSS 14.0 para Windows e inicialmente foram usados testes não paramétricos (Teste de Sinais, Wilcoxon e Kolmogorov-Smirnov). Foi também usado o teste paramétrico Teste-T, embora os dados não apresentem uma distribuição normal, para comparar os dados do PE com os do PB, uma vez que foi este o teste usado no estudo brasileiro. Os resultados entre uns e outros testes não têm diferenças significativas, tendo-se optado pela apresentação dos resultados do teste paramétrico Teste-T.

⁹ Confira-se os dados em Corrêa et al. (2005) e em Castro e Ferrari-Neto (no prelo).

percebidos de forma diferenciada ($t(14)=6.21$ $p=.000$), pode inferir-se que é D a posição relevante para a percepção da marca de pluralidade e não N.

Assim, os dados obtidos neste estudo parecem indicar que as crianças portuguesas:

- (i) identificam a informação morfofonológica relativa a número da sua variedade (CT1 – *os dabos*);
- (ii) identificam a posição D como a posição do morfema de plural relevante para a interpretação da pluralidade (CT2 – *os dabo*);
- (iii) são sensíveis à expressão gramatical de número da sua língua (CT1 – *os dabos* – versus CT2 – *os dabo*).

4. Conclusão

Este estudo, que reproduz um estudo experimental conduzido para o PB, permite concluir, a partir de uma amostra de 15 crianças falantes de PE entre os 22 e os 30 meses, que também as crianças portuguesas são sensíveis à expressão morfofonológica de número da sua língua (PE) e reconhecem que a informação crucial de número é extraída de D.

Confirma-se assim a hipótese sugerida em alguns estudos de produção em PE de que a categoria D parece estar activa no processo de aquisição desde uma fase inicial. Importa, pois, em trabalho futuro, correlacionar estes dados da percepção com dados da produção das crianças falantes de PE, no sentido de averiguar se no mesmo estágio em que as crianças interpretam os plurais já os produzem ou não de forma estável, de modo a estabelecer uma escala de desenvolvimento relativamente à produção e percepção da expressão morfofonológica de plural em PE.

A comparação dos dados obtidos neste estudo com os já disponíveis para o PB é ainda importante para a compreensão da micro-variação existente nas gramáticas das variedades do PE e PB relativamente à morfologia nominal de número, considerando tanto a gramática do adulto como a gramática da criança – para uma contribuição para esse trabalho veja-se Castro e Ferrari-Neto (no prelo).

Referências

- Augusto, Marina, José Ferrari-Neto e Leticia Sicuro Corrêa (2005). Explorando o DP: a presença da categoria NumP. *Revista de Estudos da Linguagem da UFMG*.
- Brito, Ana (1996) A ordem de palavras no Sintagma Nominal em Português numa perspectiva de Sintaxe Comparada – um caso particular: os Ns deverbais eventivos. In *Actas do Congresso Internacional do Português*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 81-106.
- Castro, Ana (2006) *On Possessives in Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa/Université Paris 8.
- Castro, Ana e José Ferrari-Neto (no prelo) Um estudo contrastivo do PE e do PB com relação à identificação de informação de número no DP. In *Textos seleccionados do 7º Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem*, Porto Alegre.
- Corbett, Greville G. (2000) *Number*. Cambridge: Cambridge University Press.

- Corrêa, Letícia Sicuro, Marina Augusto e José Ferrari-Neto (2005) The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese. *30th BUCLD*.
- Corrêa, Letícia Sicuro (2001) Uma hipótese para a identificação do gênero gramatical com particular referência para o português. *Letras de Hoje* 125, pp. 289-296.
- Corrêa, Letícia Maria Sicuro (2006) Conciliando processamento lingüístico e teoria de língua no estudo da aquisição da linguagem. In Letícia Maria Sicuro Corrêa (org.) *Aquisição da Linguagem e Problemas do Desenvolvimento Lingüístico*. Rio de Janeiro: Editora da PUC-RJ, pp. 21-78.
- Costa, João e Maria Cristina Figueiredo Silva (2006) Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In João Costa e Maria Cristina Figueiredo Silva (orgs.) *Studies on agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 25-46.
- Costa, João e Maria João Freitas (2001) Morphological and/or Prosodic Place Holders. Encontro do projecto *Statistical Physics, Pattern Identification and Language Change*. ZIF – Bielefeld.
- Embick, David (1997) *Voice and the Interfaces of Syntax*. Dissertação de doutoramento, University of Pennsylvania.
- Embick, David e Rolf Noyer (2001) Movement Operations after Syntax. *Linguistic Inquiry* 32, pp. 555-595.
- Enç, Murvet (1991) The semantics of specificity. *Linguistic Inquiry* 22, pp. 1-25.
- Ferrari-Neto, José (2003) *Reconhecimento do número gramatical e processamento da concordância de número no sintagma determinante na aquisição do português brasileiro*. Dissertação de mestrado, PUC-Rio.
- Freitas, Maria João e Matilde Miguel (1998) Prosodic and syntactic interaction: the acquisition of NP functional projections in European Portuguese. In Tina Cambier-Langeveld, Anikó Lipták e Michael Redford (orgs.) *Proceedings of Console VI*, pp. 27-44.
- Höhle, Barbara, Jürgen Weissenborn, Dorothea Kiefer, Antje Schulz e Michaela Schmitz (2002) The origins of syntactic categorization for lexical elements: the role of determiners. In João Costa e Maia João Freitas (orgs.) *Proceedings of the GALA' 2001 Conference on Language Acquisition*. Lisboa: APL, pp. 106-111.
- Matos, Gabriela, Matilde Miguel, Maria João Freitas e Isabel Faria (1997) Functional Categories in Early Acquisition of European Portuguese. In Antonella Sorace, Caroline Heycock e Richard Shillcock (orgs.) *Proceedings of GALA'97*. Edinburgh: University of Edinburgh, pp. 115-120.
- Magalhães, Telma M.V. (2004) A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA* 20, pp.149-170.
- Robins, Robert H. (1970) Vowel nasality in Sundanese. *Selected Writings in Linguistics*. Amsterdam: North-Holland.
- Santos, Ana Lúcia (2004) How do children say 'Yes' in European Portuguese?. In Jacqueline van Kampen & Sergio Baauw (eds.) *Proceedings of GALA 2003*, vol. 2. LOT Occasional Series 3. Utrecht University.
- Simões, Luciene Juliano (2004) Concordância Nominal de Número: questões de variação e aprendizagem. In *ANPOLL – Boletim Informativo* 32 (1).
- Soares, Carla (1998) *As categorias funcionais no processo de aquisição do português europeu: estudo longitudinal da produção espontânea de uma criança de 1;2.0 aos 2;2.17 anos*. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.